

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

## PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO — ANNO 50 (NUMEROS) 18000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.  
FORA DE AVEIRO — ANNO (50 NUMEROS) 18125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.  
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL, 25000 RS.

## PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

## PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.  
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.  
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

# ABAIXO O INFAME!

Na revolução liberal portugueza, nunca houve, como na grande revolução franceza, aquella caracter de força, aquella energia de convicções, a larga vista do momento historico, nas suas tendencias, necessidades e modo de ser, mesmo a funda paixão dos principios, a exaltação das idéas, que impellem o corpo da patria e arrastam o povo no turbilhão das grandes transformações sociaes e politicas.

A revolução franceza fez uma patria sua. Adaptou a França aos seus ideaes na instrucção, na industria, no exercito, nas finanças, na religião, no funcionalismo, em tudo. Convulsionou, revolucionou, transformou de baixo a cima, theorica e praticamente.

A revolução de 1820 foi um sonho de poetas n'uma nuvem de fumo. A nuvem desfez-se e os poetas accordaram no matagal bravo e secco, em que tinham adormecido.

*Guerra aos castellos, paz aos colmos! A Convenção concede fraternidade e socorro a todos os povos que quizerem recobrar a sua liberdade!*

Que movimento admiravel de vida, d'enthusiasmo, de pujança, que o cretinismo moderno ainda hoje contempla mudo d'insignificancia e trémulo d'estupidez! Os liberaes de 1820 não eram homens para seguir n'aquelle rasto de luz. Theoricos, simples, pacatos, estranhos á patria e estranhos a si proprios, que nem a si, ás vezes se comprehendiam, nem por si sabiam o que desejavam, *hirtos e pesados*, como diz um historiador contemporaneo, *solemnes nos modos, afogados em rapé, coraçoados de direito romano*, não tiveram um pallido reflexo sequer da ousadia e do genio largo e pratico dos seus mestres e inspiradores da grande revolução. Acolá tudo concorria para emocionar e erguer o espirito abatido do povo. Até as luctas fraticidas de montanhez e girondidos! Até a frieza mortal de Robespierre! Até a deslealdade traçoieira e perfida de Saint Just! Até o fanatismo repugnante e cruel de Marat! Aqui, tudo concorria no sentido contrario, desde as abstracções philosophicas e as theorias innocentes e simples do novo evangelho da revolução, até á pacatez e ao sentimentalismo dos chefes.

O povo tinha medo dos philosophos. Nem tinha educação, nem sequer as grandes scenas revolucionarias se lhe impunham pelo inesperado da fórma e o colorido do entreccho, nem os grandes actos da tragedia politica lhe arrancavam o delirio das platéas desvairadas e phreneticas.

A revolução morria chlorotica e tysica.

Outra phase, outros tempos. As tropas liberaes derrotam de vez as hostes miguelistas. E o

constitucionalismo proclama-se definitivamente em todo o paiz.

O que foi o constitucionalismo?

Teve virtudes, sem duvida. Representa um passo, e um passo seguro, na senda do progresso e da civilisação portugueza. Não seremos nós que havemos de profanar n'este momento a santa dedicacão dos que trabalharam por elle com a maior sinceridade e o mais puro desprendimento. Mas, no fundo, a mesma falta de vistas largas e poderosas dos homens de 20, a mesma falta de orientacão, a mesma falta de solidariedade com as grandes massas de povo. Ainda peor. Os homens de 20 eram sinceros e eram honrados. Nos de 1834, com bastantes excepções, é claro, ha toda essa falta de virtude e toda essa falta de sinceridade. Falta de virtude e de sinceridade contra a qual protestaram toda a sua vida Mousinho da Silveira, Passos Manuel, José Estevão e outros da tempera d'esses grandes caracteres.

«A probidade politica, dizia Gregorio, o illustre convencional, é um dever tão rigoroso como a probidade individual.»

O constitucionalismo esqueceu-se d'essa grande maxima. Nem se pôde dizer dos seus homens o que Michelet disse dos convencionaes: «Não houve um traidor em toda a Convenção.» Nem virtuosos, nem sinceros. No geral foram isso.

Um dos typos, por consequente, mais curiosos do constitucionalismo, foi o *escroc* sem convicções, sem crenças, sem amor da patria e da liberdade, que impudicamente e cynicamente mercadejou com as novas iustituições, como qualquer judeu mercadeja com o seu negocio sordido. Na historia dos ultimos cincoenta annos, a cada passo pululam essas individualidades repugnantes, de todas as cathogorias e de todas as classes, as quaes Oliveira Martins, hoje aliaz convertido á seita, tão bem descreve e precisa no seu *Portugal Contemporaneo*.

Um bando de ladrões e de assassinos que se alastrou pelo paiz, roubando as propriedades dos miguelistas, desancando-os e matando-os, sempre em nome da liberdade e do direito da constituição! Um bando que serviu para tudo. Para a falta de fé de Agostinho José Freire. Para o cynismo de Rodrigo da Fonseca. Para as patifarias dos Cabraes. E para os manejos ambiciosos do marquez de Saldanha.

Um bando que mentia, que trapaceava, que roubava, que matava, com tanto que o poder lhe servisse para satisfacção das suas revoltantes e torpes aspirações. Nem fé, nem convicções, nem liberdade, nem pejo!

Foi o producto mais repellente

te e mais hediondo do constitucionalismo, que, por ora, nos rege.

Manuel Firmino d'Almeida Maia é um dos exemplares, que se vão acabando, dos bandidos d'essa especie. Não é um producto isolado, não! É filho d'um meio que teve escola e que teve futuro. Com vergonha o declaramos.

Para se comprehender esse homem é necessario lêr-se a historia ultima do nosso paiz. É indispensavel que a gente se abstraia da sociedade actual. Que nos isolemos na contemplação do meio politico de ha vinte e cinco annos atraz. E, então, penetrando no theatro da nossa vida interna, estudando personagens, *escrocs e cynicos*, uns que morreram, outros que se reformaram, outros que se purificaram no cadinho dos costumes suaves e da civilisação actual, lá damos de frente, illuminado em cheio pela luz clara do palco, com o nosso heroe, se não o mais cruel e o mais feroz, dos mais impudentes e deslavados de todos.

É necessario isso. E, portanto, é necessario tambem estudar o papel do *Campeão das Provincias* na scena infame da nossa politica. Depois, a mascara cabe, extingue-se a duvida e o saltimbanco desenha-se em toda a nudez da sua traficancia reles.

Que serie de patifarias não representa aquella jornal! Um dia applaude e defende José Estevão. Mas surge um governo, que precisa de combater o grande orador na sua terra natal. Dicte e feito. O delegado d'esse governo em Aveiro offerece sommas de valor ao *Campeão das Provincias* e ao seu proprietario para exercerem o papel villão e indigno. Promettem mais honrarias e um logar de deputado a Manuel Firmino d'Almeida Maia. E eis ahi os covardes infames a cobrirem de calumnias e vituperios o nome honrado de José Estevão!

Note-se que não é gratuita esta accusação do *Campeão das Provincias* vender a sua publicidade e as suas pennas a troco d'uns cobres immundos. Essa accusação foi-lhe lançada em rosto, por mais do que uma vez, por varios jornaes do paiz, e com dados tão certos e tão positivos que Manuel Firmino d'Almeida Maia e José Eduardo d'Almeida Vilhena tiveram de confessar a infamia, embora procurando cobonestar-la com phrases bombasticas de dignidade e umas allegações miseraveis e falsas. É folhear as collecções dos jornaes portuguezes, do proprio *Campeão das Provincias*, e lá se encontram os factos que estamos citando.

Um dia fizeram isso com José Estevão. N'outro dia fizeram o mesmo com as irmãs da caridade. Combateram-n'as quando de-

fendiam José Estevão. Defenderam-n'as, e pelos mesmos motivos dos cobres immundos, quando atacavam o grande orador.

Depois defenderam calorosamente a situação progressista, isto é, historica. Pagavam-lhes, é bem de vêr. Mas chegou a Aveiro um governador civil, chamado Taborda, que lhes tirou a ração, fechando-lhes as portas dos cofres da policia secreta. Logo no dia immediato desataram nos maiores improperios contra a situação, que ainda na vespera lutavam e defendiam. Leia, quem se queira certificar, as collecções do *Campeão das Provincias* de 1861, 1862 e 1863, e verá. Contra José Luciano, contra Anselmo Braamcamp, e outros foram arremessados punhados de lama e rios de baba. Não escapou o sr. arcebispo d'Evora, não escapou o proprio sr. padre José Candido d'Oliveira Vidal, que não tem tido pejo d'apoiar até hoje a canalha maldicta! Tudo foi no encurro, queremos dizer, todos os seus actuaes correligionarios. Depois, claro é, novamente voltou a ser digno o que era infame e puro o que era impuro. A ração voltou melhorada e os cofres da policia secreta mais cheios de bago!

Foi por essa occasião, 1863, que o governo demittiu de segundo official do governo civil, **por abuso de confiança**, esse tal tenente Forqueta Borgia dissoluto e porco, que alardêa de funcionario exemplar e honesto.

Ora, em face do que fica narrado e do muito mais que nós vimos ha cinco mezes narrando, pôde haver a minima deferencia com Manuel Firmino d'Almeida Maia?

Ha dias um collega do Porto, o *Jornal da Manhã*, zanzindo de véras o nosso capitão de ladrões, achava, entretanto, violenta demais a linguagem que temos empregado com elle. E accrescentava: «mas comprehendemos que talvez fosseamos arrastados na onda se respirassemos no mesmo abrasado ambiente.»

Pois era-o, de certo. Não na onda das paixões, que não nos segam aqui as paixões. Mas na onda d'uma indignação perfeitamente justificada e sã.

O caso é este: n'uma sociedade moralizada, ciosa da lei dos brios, basta a discussão serena dos factos para restabelecer a harmonia uma vez alterada. N'uma sociedade corrompida e dissoluta, onde nada se respeita, onde tudo se despreza, lei, decoro e brios, só a violencia ultra, só o escandalo, só um trabuco manejado por mão decidida e valente pôde cauterisar e curar. É preciso não esquecer, e é rudimentarissimo isto, que não se recebe um ladrão nem um assassino como se recebe um homem de bem. Não se entra n'uma sala com as mesmas luvas com que

se monta a cavallo. Nem se dança n'um baile com as mesmas botas com que se caça no matto. Aos estranhos poderá parecer, realmente, violenta de mais a nossa linguagem. Porque os estranhos não conhecem os homens d'Aveiro, nem sabem o que vae por aqui. Isto só visto e sentido. Mas para quem vive na terra, para quem sabe como se tem affrontado a nossa honra local e o decoro publico com esse bando de ladrões e refinados malandros, que tem na Vera Cruz o seu quartel general, para quem não ignora que se acabou a justiça official para nós, porque nem ministros, nem magistrados, nem ninguém asseguram as nossas regalias e defendem os nossos direitos, a nossa linguagem é a unica compativel com as circumstancias, a unica que pode vencer a questão e a unica que ha de por fim fazer recuar os faccinoras.

Não, Manuel Firmino d'Almeida Maia ha de se tratar como aquillo que é. Como um bandido, como um grande ladrão. Usarmos luva branca á caça do lobo seria profundamente ridiculo. Não; é assim que se combatem as feras. É assim que se lucta. É assim que se vencem batalhas com adversarios de tal natureza.

Manuel Firmino lembra os grandes faccinoras. Passeiam impunemente as suas proezas. Fazem pompa insolente dos seus grandes crimes. E ninguém os prende, por uma pusillanimidade inexplicavel. Mas um dia apparece um ousado que lhe deita a mão, que quebra o encanto, que mette na cadeia o revoltante patife. E todos pasmam e se envergonham então da fraqueza com que tinham admittido e tolerado o famoso bandido! Quando foi tão simples esmagar-lo, elimina-lo, inutilisa-lo!

Assim tem vivido Manuel Firmino d'Almeida Maia tanto tempo impune no meio de nós. Assim se comprehende como, devolvidos mais de cincoenta annos de constitucionalismo, ainda exista de pé esse exemplar asqueroso da politica bandoleira d'outr'ora. Um exemplar que, para maior vergonha, é conhecido de norte a sul do paiz.

Não, é tempo de lavar a vergonha.

Abaixo o infame, que a cidade de Aveiro orgulha-se do seu nome impolluto e quer participar do convivio honrado dos povos. Abaixo o infame, que a cidade de Aveiro tem, já hoje, uma orientacão definida, na vida, ainda um tanto ou quanto desorientada, da nação portugueza.

Abaixo o infame!

## EXCAVANDO...

Voltemos ás nossas excavações preciosas. Com a diferença de que os leitores até aqui tem pasmado d'indignação. Agora vão pasmar de tedio.

Viram como José Estevão foi coberto d'insultos, babado d'infâmias pelos chefes da celebre companhia de malandros. Pois agora vão vêr as honrarias, as glórias, os galardões heroicos que o capitão de ladrões e o Zé Forqueta porco, o Borgia infame, o tenente biltre teceram ao sr. José Luciano de Castro, o actual ministro do reino e presidente do conselho de ministros!

Mas... eis a diferença! José Estevão nunca teve camaradagem com esses gatunos, com esses nojentos lacraus. Por isso tanto maior é a indignação, tanto maior a sympathia pelo seu nome ao lêrem-se as patifarias enlameadas que lhe arremessaram os chefes da companhia de ladrões. José Luciano, tão injuriado como José Estevão, vive em doce camaradagem com os biltres, a quem recompensa com os mais altos cargos d'este paiz. José Luciano sustenta como governador civil de Aveiro um individuo, que não só elle sabe ser um traficante sem nome, mas ainda o bandeoleiro indigno que lhe dirigiu as mais affrontosas injurias que se podem dirigir a um homem. José Luciano de Castro vai nomear director do seu proprio jornal e collocar n'um alto emprego o repellente bandido, que rabiscou as injurias no mesmo papel onde hoje vomita as canalhices revoltantes e repugnantes d'um caracter asqueroso e sordido.

Que profundo tedio! Ao saber d'isto, como o paiz ha de ter desprezo por si, sr. ministro do reino! Onde ficou a sua prôa, sr. José Luciano de Castro? Como quer v. ex.<sup>a</sup> que o respeitem? Como ousa v. ex.<sup>a</sup> apregoar-se um caracter honrado e digno? Ouçam, e pasmem.

Campeão das Províncias n.<sup>o</sup> 1128 de 25 d'abril de 1863:

## «IMPORTANCIA OCA

O sr. José Luciano de Castro elogiou os seus trabalhos e competência a proposito da lei hypothecaria, e mandou inserir no *Portuguez* os brilhantes diplomas da sua capacidade. Não esqueceu, porém, ao illustre deputado injuriar o sr. Martens Ferrão, dizendo que s. ex.<sup>a</sup> era leigo na questão, enquanto elle Luciano havia compulsado todos os livros que se tem escripto sobre a materia, aproveitando d'elles e do que disseram o sr. Martens e o sr. conselheiro Ferrão todos os materiaes indispensaveis para a laboração da famosa rapsodia, que precede o projecto, e se chama relatorio.

Medra a rã presumindo que pode attingir o volume do boi. Felizmente o sr. José Luciano não deixa os creditos por mãos alheias. Vae fazendo a sua apothese, convencido talvez que haja alguém que tome por gigantes os moínhos, que o Quichote parlamentar improvisou para ter o gosto de vêr depois em terra.

Bem aventurados os pobres de espirito, que é d'elles o reino do céu.»

Pobre d'espirito, sr. José Luciano de Castro? Não é mau. Mas o publico vae ouvir mais e melhor. Continuemos.

Campeão das Províncias n.<sup>o</sup> 1134 de 16 de maio de 1863:

«Na questão — Latino chegou a palavra ao sr. José Luciano de Castro, o orador mais faccioso d'esta situação exclusivamente facciosa. Recorreu ás recriminações, vasto tunel das Nayades, em que o illustre deputado mergulha frequentemente. Fallou em corrupções da regeneração, sem se lembrar que as apoiou e defen-

deu; fallou em subsidios a jornaes, sem attender a que se s. ex.<sup>a</sup> escreve no *Progressista* é porque o governo o subsidia! Finalmente foi uma verrina desconcertada contra tudo e contra todos, cujos tiros se empregaram todos no orador virulento, resvalando alguns sobre os ministros do reino, fazenda e marinha, que se contorciam amudadas vezes, como toda a gente viu.

O sr. José Luciano é tido geralmente como um caracter safado, immoral e cynico. Póde ser grande a injusticia que lhe fazem, mas em Lisboa a sua reputação está abaixo de zero. Os ministros aproveitam-o como se fóra um cão de fila porque arremette para os adversarios com a impetuosidade d'um hydrophobo. Afóra isto não tem prestígio, nem ninguém o procura. Reservam-lhe os ministros, como remuneração de tão assignalados serviços, um lugar d'official no ministerio da fazenda; e eis a razão porque o independente e consciencioso deputado barafusta contra o projecto do sr. José de Moraes, que emperrou na commissão e que provavelmente não será discutido na actual sessão.

O sr. José Luciano quiz responder ao sr. Fontes, que orou com eloquencia, mas nas retaliações o preclaro vate da Torreira cahiu em contradicções manifestas. Todos os que o ouviram tiveram dó d'elle porque se engasgou com os ápartes que lhe choviam de todos os lados, e afinal teve de calar-se, porque até as galerias se pronunciaram claramente contra os doestos que proferia. Estas demonstrações foram significativas e tanto que bastaram ellas para confundir o arlequin da Oliveirinha.»

Caracter safado, immoral e cynico! Arlequin da Oliveirinha! Ainda não é tudo. Veremos coisa peor no numero seguinte.

## MALANDROS ETERNOS

O nosso collega, o *Districto de Aveiro*, já n'outro dia referia que os bandidos, para justificar a necessidade das irmãs da caridade, tinham abandonado de todo o hospital desde que as *manas* sabiram. O facto é positivamente verdadeiro. Cada membro da mesa tem obrigação de ser durante um mez director do hospital, em que vigiará dia a dia o serviço e a administração do estabelecimento. Pois desde que sabiram as *manas* ainda lá não poz pé nenhum dos membros da commissão administrativa, quando agora é que eram mais precisos que nunca, porque ha um enfermeiro provisório que se vê sem recursos e sem pratica do serviço. Mas tudo aquillo é para haver reclamações e queixas e elles depois poderem fazer a apologia das irmãs da caridade.

A tiro, a tiro! Manuel Firmino d'Almeida Maia traz patrulhas de cavallaria em volta de casa para vêr se se livra da justiça do povo. Pois isso é que não quer dizer nada. Queira o povo e tudo se arranja.

Outra infamia. No processo que corre para averiguar dos criminosos que praticaram o roubo da urna, foram admittidos a depôr, como testemunhas, os faccioras que na egreja arrancaram de facas para os cidadãos desarmados e honestos.

Parece que o juiz que iniciou o mesmo processo não apprehendeu, como devia, os papeis da eleição, deixando-os ir para casa do honesto Barboza de Magalhães.

Uma pandega, tudo! Pois nós lhes daremos as pandegas.

## A QUESTÃO DE AVEIRO

## A IMPRENSA

Esquerda *Dynastica*, de quinta-feira 20 de setembro:

## «Como elles se vingam!

Como elles se vingam! Na sombra ou em plena luz, como reptiz ou como chacáes, altivos ou de rastos, preponderantes nas culminações do poder ou apupados e foragidos, não perdão, não esquecem nunca e aguardam pacientemente a hora jubilosa da vingança. Um dia, um anno, um seculo, mas vingam-se.

Ferem sempre no coração, sempre. Se o adversario os intimida frente a frente, vibram-lhe pelas costas o golpe mortal. Se o inimigo morreu invulneravel, infanam-lhe as cinzas, calumniam-lhe a memoria, procuram-lhe na familia o coração em que hão de cevar a furia do odio desforço.

Um dia, um anno, um seculo depois, que importa?

E têm requintes de atrocidade inquisitorial, de caprichosa barbaridade antiga!

Ferem sempre de modo que a dor seja mais pungente e mais intenso o ruido da vingança; de maneira que ao vulgo ignaro pareça castigo providencial o que é apenas rancorosa vindicta.

Quando já não têm diante de si um homem, fulminam uma reputação, ou affrontam um nome, precisamente onde ella era mais brilhante e exactamente onde elle era mais querido e prestigioso.

E' o seu systema secular. Subir, vencer, caminhar, seja como fór, seja por onde fór.

Todos os instrumentos e todos os cúmplices lhes servem. A intriga, a diffamação, o crime, uma creança, um fanatico, uma mulher.

Esmagam ás vezes um coração para affrontar um nome, desvairam uma espirito para offender um morto.

E' a sua historia, é a sua odysseia maldicta.

Uhlanos negros da reacção, os jesuitas são hoje o que eram ha duzentos annos.

José Estevão foi um paladino e um apostolo da liberdade; combateu por ella como soldado, lutou por ella como tribuno. Fez prodigios de valor o seu braço heroico, fez milagres de eloquencia a sua palavra dominadora.

Um dia percebeu que a reacção e o jesuitismo, irmãos e aliados na mesma cruzada nefasta, iam acoutar-se nas escolas e nos hospitaes, escondidos sob a roupeta das *irmãs da caridade*. Surprehendeu-lhes o plano e denunciou-o á indignação do paiz.

Não precisava a caridade portugueza de fanaticas arregimentadas no estrangeiro. Nunca faltará uma alma carinhosa de mulher ás creanças, nem um lampejo de piedade aos desvalidos.

A caridade era um stratagem da reacção, sacrilego, mas astucioso. As irmãs de S. Vicente de Paulo eram as avançadas do jesuitismo; a voz prestigiosa do tribuno soltou o grito de alarme e a luz immensa do seu talento, semelhante a esses enormes focos electricos que illuminam de subito os modernos campos de batalha, surprehendeu, poz em evidencia em todo o seu aspecto sinistro, a cruzada negra que avançava para nós.

E como nos grandes dias da liberdade, e como nas horas angustiosas da patria, a voz prodigiosa de José Estevão vibrou como um clarim de batalha e sacudiu a alma nacional, n'um arrebatamento de paixão pela liberdade.

Vencidos, os jesuitas e os reaccionarios votaram-lhe o seu eterno odio.

Intimidava-os aquella figura extraordinaria, feria-lhes a pupil-

la o fulgôr d'aquelle talento portentoso; a coruja sentia que não podia equilibrar-se com a aguia, a hyena percebia que não podia lutar com o leão, e passou rasteira, muda, humilde como um cachorro, na penumbra do grande homem.

Vingar-se-hiam.

Vingaram. A morte prostrou o athleta e emmudeceu para sempre essa voz, que fazia commover a alma gigante da patria.

Era a hora propicia.

Ainda o corpo do tribuno não estava desfeito em cinzas no fundo do seu tumulo modesto, e já o jesuitismo tinha vestido a roupeta das *irmãs da caridade* a uma pobre senhora fanalisada.

Sabeis quem era?

Uma sobrinha estremeçada de José Estevão, um coração que tivera affectos para o inimigo morto.

Soberba vingança!

E' enorme a divida de reconhecimento da cidade d'Aveiro ao seu filho dilecto, ao seu gloriosissimo cidadão, ao seu nome de maior brilho — a José Estevão Coelho de Magalhães.

Pois alli mesmo, precisamente alli, e, o que é profundamente deploravel, com a protecção do partido progressista, do partido que José Estevão ennobrecera, alli, na terra queridoissima do inimigo morto, conseguiu a reacção estabelecer as irmãs da caridade!

E lá têm estado, e lá estão ainda nas enfermarias do hospital da misericordia, como uma excepção odienta, como enorme affronta á memoria resplandecente do tribuno!

Se não ha n'isto um requinte de vingança infernal?!

Mas não basta ainda. E' ardente e gravissima a lucha entre a reacção e o partido liberal em Aveiro. São assustadoras as ultimas noticias vindas d'alli. Foi tumultuosa, sangrenta a eleição da Misericordia.

Corre que venceu a fracção liberal, mas tambem se diz que a eleição foi viciada pelos reaccionarios e ficará nulla.

Pois a victoria da fracção liberal importa a expulsão das irmãs da caridade.

E enquanto ellas não forem expulsas d'alli, a estatua de José Estevão não será erguida sobre o pedestal, que a gratidão de Aveiro consagrou a essa altiva figura da epopeia liberal.

Sim, se a reacção lograr vencer, o lobo matreiro do jesuitismo uivará jubiloso sobre a sepultura do gigante, e a sua figura de bronze, muda, fria, inerte, estatua expatriada, esperará que outra cidade do paiz lhe dê a esmola de um pedestal.

Como elles se vingam, e que gloria immensa para o partido de José Estevão!

Idem, de sexta-feira 21:

## «Em Aveiro

Diz-se n'um telegramma para uma folha ministerial que foi a opposição quem provocou as desordens na triste eleição da misericordia d'Aveiro.

Já cá se contava com isso. O peor foi outra folha ministerial ter escripto ha dois dias estas linhas eloquentes.»

Transcreve do *Dia* parte d'um artigo, em que este jornal aprecia devidamente as origens da questão, e continua:

«Hein? E' edificante, não acham? Com que foi a opposição que fez falcatura na eleição e promoveu as desordens? *Vendo perdida a eleição, a opposição arremessou listas para dentro da urna, cacetando a meza.*

Ora vejam! Que descarada e atrevida opposição! Lança as listas falsas na urna e ainda por cima vae cacetando a meza.

Proh pudor!

O demonio é que á mesma ho-

ra em que uma gazeta ministerial publicava os telegrammas em que se fazem estas affirmações, outra gazeta, tambem ministerial, dava aos seus numerosos leitores estas preciosas informações.»

Transcreve outro artigo do *Dia*, em que se contam os factos pouco mais ou menos como elles se passaram, e conclue:

«Singular, não acham?!

Um amigo do governador civil a deitar listas falsas na urna! Diffamadores! Não póde ser. Nunca se viu isso lá.

Quem são os maldictos que intentam infamar as *vestaes* da situação? Onde estão elles? Que a justiça de Deus os fulmine, já que os sabres da policia e da cavallaria os deixaram inteiros.

A cidade está em plena paz — fallam as *vestaes*, acreditêmol-as — dando vivas ao partido progressista, ao governo e ao deputado Barboza de Magalhães.

E as irmãs da caridade á janella da Misericordia a ouvirem tudo aquillo, e José Estevão mudo, impassivel, esquecido no fundo do seu pobrissimo tumulo!

Aveiro até dá vivas! Vejam que luxuria de politica na patria do tribuno gloriosissimo!

E ás irmãs da caridade não dariam tambem vivas? Haverá omissão no telegramma?

Talvez fosse esquecimo'n'o. Até parece incrível que se não lembrassem d'ellas!

Comprehende-se a tentação. Em Aveiro, n'um dia de gloria imperecível, ao pé do pedestal da estatua de José Estevão, ainda expatriada...

Oh! mas é que nos parece estar a ouvir os puritanos:

Viva o governo, viva o deputado Barboza de Magalhães, vivam as irmãs da caridade.

E o progressista José Estevão Coelho de Magalhães, emmudecido, eternamente emmudecido!

Sem ao menos poder repetir, como os do Porto:

*Isto é uma vergonha!*

*Grito do Povo*, de domingo 23 de setembro. Agradecemos aos nossos amigos as phrases de boa camaradagem que nos dirigem:

## «As irmãs da caridade

E' chegado o tempo de essa gente que anda constantemente a descarillar, ter juizo, porque d'outra fórma, em breve chegará a perder de todo o resto de prestigio e confiança que ainda possa haver.

Temo-nos cansado de clamar que o povo não accieita meias medidas e empresas de caracter dubio e sim deseja tudo claro, patente, e resoluções inteiramente radicaes, que possam transformar o existente.

Fartamo-nos de gritar contra o caminho escuro que trilham os dirigentes em que se podem contar, um por um, os passos perdidos, ficando todo o trabalho inutilizado, e o que mais é, e peor que tudo, o atrophiamiento dos grandes elementos que existiam sempre promptos a todas as horas e dedicados a cada momento para os trabalhos avançados.

Mas a nossa voz, sempre escutada com attenção e applaudida por homens, alguns dos quaes, ainda hontem opportunistas, encontra por uma grande reviravolta mysteriosa a espessa barreira da indiferença e uma chrystallisação, dos sentimentos até alli genuinamente republicanos, devido simplesmente á anarchia em que os chefes lançaram uma parte do partido, desorientando-a a ponto de lhes ser já pouco estranho que se façam mancomunicações hybridas, tendentes a desconjunctar os elementos bons que ainda se conservam firmes e a postos, como nos bons tempos em que o delirio e o entusiasmo aggregára as diferentes unidades que até então se guerreavam, como agora voltando novamente a questão de escolas se continuam a degladiar, e o que é mais ainda

e bem triste, a infamar-se, como se se tratasse de uma gloriosa campanha.

E' que as duvidas alojaram-se no espirito de muitos homens que sem tempo para investigar o que haja de verdade no que uns dizem, e o que exista de falsidade no que moitos affirmam recolhem-se á vida privada, retrahem-se da politica para não assistirem a este concerto diario de diffamação, em que o partido republicano está a dar um soberbo exemplo como meio de affastar qualquer que pretenda ser nosso neophito vindo bater á porta dos nossos templos. Não é assim, necessariamente, que se conquistam adeptos, nem com a fôrma invia porque se procede para com os adversarios da mesma collectividade. Vae para seis mezes que o nosso querido collega *Povo de Aveiro* emprehendeu a mais enérgica e levantada campanha que desde Lourenço Marques, o partido republicano jámais levantou.

Discutindo scientíficamente, ora n'uma linguagem elevada, poetica, magestosa, os pontos transcendentales de religião, para a boa comprehensão da classe illustrada, baixando á linguagem popular, e explicando esses mesmos problemas hieraticos, para se fazer entender das camadas operarias, iniciando dois comicios importantes, publicando supplementos continuados, o nosso velho amigo Christo conseguiu fazer um grandioso movimento de que derivou a victoria das eleições na Misericordia em Aveiro, tendo as irmãs de caridade de ser expulsas d'aquella cidade, e devendo-se inaugurar no dia immediato a estatua do grande Demosthenes portuguez, José Estevão Coelho de Magalhães.

Mas se a lenda, de que elle escangalhara os grandes elementos republicanos de Aveiro está desfeita, se a calumnia polymorpha embotou o seu fio acerado na tempera rija d'aquelle grande caracter, que obrigou os calumniadores a irem baptisar-se na ria de Aveiro, transformada durante dois comicios em symbolico Jordão, o habito de dizer mal d'aquelle valente polemista e grande luclador vincou tão fundo que o seu jornal, o *Povo de Aveiro*, orgão de toda esta acção que se feriu ultimamente e em que nós ficámos vencedores tendo pela frente todo o clericalismo e o monarchismo colligados, ainda até hoje não logrou as honras de ser citado pelos nossos collegas republicanos da imprensa diaria.

Se de parte a parte houve excessos, se de um e outro lado lavrou fundo a paixão, elle, foi o primeiro a dar-lhes o exemplo correndo a esponja do esquecimento por tudo o que se passára.

Sejam tambem generosos como elle, deponham os seus rancores, aprendam n'este movimento a boa estrategia e tactica de combate, e nós jornalistas republicanos que somos bem poucos, abracemos o nosso antigo companheiro e velho camarada pelo exito feliz das suas operações em que merece uma corôa tecida com os nossos mais sinceros e fervorosos enthusiasmos.

Viva o Povo de Aveiro!

Viva o Partido Republicano!

lar um voto de louvor a tão benemeritos cidadãos.

Deus guarde a V.

Setubal, 29 de setembro de 1888.

Sr Manuel Homem de Carvalho Christo.

Eduardo Diniz Homem,  
Vice-Presidente

## Carta da Bairrada

Outubro, 2.

Ainda até hoje não appareceu no *Diario* o decreto exonerando o governador civil d'Aveiro do logar que tão deploravelmente tem occupado, e todavia o sr. ministro do reino já veio bater á porta d'um cavalheiro respeitavel que vive na Bairrada e administra aqui as suas extensas propriedades e o largo patrimonio que herdou do seu bemquisto progenitor. Referimo-nos ao sr. marquez da Graciosa, grande proprietario e par do reino. Mas s. ex.<sup>a</sup>, que é um caracter honesto e independente, declinou a honra que o sr. José Luciano lhe quiz conceder e não trocará a paz do seu lar pela desvairada herança politica e administrativa do desprestigiado governador civil substituto de Aveiro. Este convite e esta recusa, porém, em nada aliviam o estado da questão, antes a aggravam. Em primeiro logar vê-se, que o sr. ministro do reino parece já ter pensado em pôr de parte o funcionario desconceituado que a má estrella do partido progressista guindou ás alturas de governador civil. Pensou tarde e a más horas, mas sempre quiz dar uma satisfação á opinião publica. Teria sido apenas um mero expediente politico para entreter tempo? Nesse caso foi zombar da respeitabilidade d'um cavalheiro, cujos precedentes não auctorisavam a menor zombaria do ministro. E não havendo valores entendidos, porque espera o governador civil substituto d'Aveiro, que ainda se conserva no seu posto inglorio? Se o ministro lhe fór mais uma vez benevolo, confia por ventura que a multidão não o torne amanhã a apurar com gaudio do rapazio dando largas á eloquente intimitativa do assobio e da troca? A questão está, pois, aggravada, se já, se de prompto, o ministro não demitte o funcionario desprestigiado, embora não encontre de momento quem o substitua.

Urge pôr termo aos desmandos, aos actos immoraes, d'uma auctoridade que perde o prestigio, que se aviltou, não só na sua propria terra, como perante os correligionarios affastados. Está bem de vêr que o paiz é demasiado pequeno para que não se conheçam as proesas de certas figuras postas ha annos em tanta evidencia, em tão deploravel evidencia...

Mandem-n'as para Lourenço Marques, para a China, para o Japão, mas não as deixem aqui, ao pé de nós, a avolumar o sudario de tantas miserias passadas...

\*  
\* \*

A Bairrada está, desde hontem, sob o peso d'uma borrasca que ameaça comprometter a colheita vinicola, que começára com tão bons auspicios. Grossas bagas de chuva e um temporal desfeito fizeram já interromper algumas vindimas e pôr em sobresalto os pobres lavradores, que tão esperanças estavam na abundancia e na boa qualidade da novidade. O barometro tem descido bastante. Estava prenunciada esta tempestade, mas veio na peor occasião possível. Oxalá que passe depressa, para podermos dizer alguma cousa agradável sobre a presente colheita de vinho.

## Vinho Nutritivo de Carne

Observações medicas feitas com a sua applicação:

Antonio Francisco Bordallo, medico-cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto e facultativo do partido da camara municipal do concelho de Oliveira de Azemeis.

Attesto que tenho empregado no tratamento dos meus doentes, affectados de debilidade geral, anemia, chloro-anemia e convalescencias penosas, e em todos os estados pathologicos em que a indicação geral é a restauração de forças perdidas, o Vinho Nutritivo de Carne preparado pelo distincto pharmaceutico Pedro Augusto Franco, conde do Restello, preparado que, como tónico, o julgo muito superior e mais efficaç nos casos indicados, que muitos outros que nos são fornecidos do estrangeiro, para therapeuticamente satisfazerem a identicas indicações.

O que, para mostrar, aonde convenha, assim o juro sob o juramento da minha profissão.

Oliveira de Azemeis, 48 de maio de 1888.

Antonio Francisco Bordallo.

(Segue-se o reconhecimento.)

## CALLICIDA



PRIVILEGIO EXCLUSIVO

Extracção dos callos sem dor em 5 dias

DEPOSITOS PRINCIPAES: — Lisboa, Gonçalves de Freitas, rua da Prata, 229 a 231; Porto, Machado & Lopes, rua do Bom Jardim, 40 a 42; Portalegre, pharmacia Lopes; Braga, Pereira de Lemos; Pinhel, pharmacia Lima; Penafiel, pharmacia Villaça; Figueira da Foz, J. Lucas da Costa; Castello Branco, pharmacia da Misericordia; Vizeu, pharmacia Firmino A. Costa; Vianna do Castello, pharmacia Almeida; Elvas, pharmacia Nobre; Faro, pharmacia Chaves; Santarem, Silva, cabelleireiro; Villa Real, Dionysio Teixeira; Lamego, João de Almeida Brandão; Coimbra, Viuva Areosa.

Africa—Loanda, José Marques Diogo. Brazil—Rio de Janeiro, Veiga Pinto & C.<sup>a</sup>; Pernambuco, Domingos A. Mathews;—Bahia, F. d'Assis e Souza. E nas principaes villas do paiz. Pedidos ao auctor

Antonio Franco — Covilhã

## Livraria Academica

Acaba de chegar a esta livraria um grande e variado sortido de tintas em tubo para pintura a oleo, aguarella, etc., pinceis, tela, pasta para envernizar quadros e tudo o mais que diz respeito á arte de pintura.

Estes artigos vieram directamente de Paris, da casa *Merlin*.

## VINHO PARA VENDER

Ha numero superior a 300 almudes na adega de M. F. Simões, da freguezia da Palhaça: a qualidade fará o preço de 20 litros.

## Publicações litterarias

### Curso classico de poetas portuguezes

UNICA selecta elaborada segundo os programas officiaes approvados por portarias de 5 de outubro de 1872, e 19 de novembro de 1886, para uso das cadeiras de litteratura portugueza, tudo ampliado com numerosas notas biographicas, grammaticas, bibliographicas, philologicas, historicas, mythologicas, geographicas e criticas, por ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL, professor de ensino livre, membro de varias sociedades nacionaes e estrangeiras e escriptor interprete da estação de saude do Porto.—1 vol., boa edição, broch., 600 réis; cartonado, 800 réis.

Livraria Portuense, editora, rua do Almada—Porto.

## O RECREIO

Revista semanal litteraria e charadistica.—16 paginas, a duas columnas, 20 réis

Correspondencia a João Romano Torres, rua Nova de S. Mamedo, 26 — LISBOA.

## EDIÇÃO MONUMENTAL

### Historia da Revolução Portuguesa de 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

TEM sido distribuidos com a maxima regularidade 28 fasciculos d'esta obra e o 2.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que merecen os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o primeiro volume. As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição. A capa em separado custa 500 réis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

Editores LOPES & C.<sup>a</sup>, successores de CLAVEL & C.<sup>a</sup>—119, rua do Almada, 123, Porto.

BAPTISTA DINIZ

## Os Invisiveis do Porto

GRANDE romance de sensação, actualidade e propaganda anti-jesuitica em 4 volumes e baseado em factos de maior interesse.

### Condições da assignatura

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita por fasciculos semanales de 5 folhas de 8 paginas, ao preço de 50 réis cada fasciculo pago no acto da entrega. Nas demais terras do paiz a distribuição é feita mensalmente em fasciculos de 20 folhas de 8 paginas, ao preço de 220 réis, pagos adiantadamente.

Quem angariar dez assignaturas, encaregando-se da distribuição, tem a commissão de 30 p. c. Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz e assignam-se em todas as livrarias de Lisboa e Porto.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Diniz & C.<sup>a</sup>, Cordoaria, 150, 2.º—Porto.

N'esta cidade assigna-se na Livraria Academica, na praça do Commercio.

## NOVA LEI

DO

## RECRUTAMENTO

Approvada por carta de lei de 12 de setembro de 1887

Precedida do importantissimo parecer da camara dos srs. deputados Preço, 60 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á Livraria CRUZ GOUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 48 e 20—Porto.

BELEM & C.<sup>a</sup>

Empresa editora—Serões Romanicos—Cruz de Pau, Lisboa

## OS AMORES DO ASSASSINO

POR

M. JOGAND

O melhor romance francez da actualidade

VERSÃO DE JULIO DE MAGALHÃES Edição ornada com magnificas GRAVURAS e excellentes CHROMOS a finissimas cores

Brinde a todos os assignantes no fim da obra — UM ALBUM DA BATALHA.

BRINDE EM OURO—1003000 réis em tres premios da loteria de Madrid que a empresa fixar, para o que cada assignante receberá opportunamente uma cautella com cinco numeros.

Sahirá em cadernetas semanales de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis, pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é á custa da empresa.

## NOVO METHODO PRATICO

Para aprender a ler, escrever e fallar a lingua franceza

POR

JACOB BENSABAT

Auctor do «Methodo pratico» da lingua ingleza, que tem uma acceitação geral

ESTE novo «Methodo de franceza», leva grande superioridade aos livros precedentes destinados ao ensino pratico da lingua franceza. Substitue vantajosamente o methodo Ollendorff.—Um volume brochado, 500; encadernado, 700.

Livraria Portuense de Lopes & C.<sup>a</sup>, successores de Clavel & C.<sup>a</sup>, editores — 119, rua do Almada, 123—Porto.

## A EDIÇÃO MAIS COMPLETA E MAIS ECONOMICA

## CODIGO ADMINISTRATIVO

Approvado por decreto de 17 de julho de 1886. Precedido do respectivo relatório e com um appendice, contendo toda a legislação relativa ao mesmo Codice, publicada até hoje, incluindo a lei das aposentações e reformas dos empregados civis, a reorganisação do Tribunal de Contas, o bill de indemnidade, que altera algumas disposições do mesmo Codice, a nova lei do recrutamento, a tabella dos emolumentos administrativos e um copioso repertorio alphabetico.

## QUARTA EDIÇÃO

Preço brochado, 300 réis; encadernado, 400 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á Livraria CRUZ GOUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 48 e 20—Porto.

## O PROGRAMMA REPUBLICANO

Carta ao sr. dr. Theophilo Braga a respeito de palavras e de ideias apresentadas no ultimo congresso

POR

LINO DE MACEDO

PREÇO 100 réis.—A venda na livraria Pereira, na rua Augusta, e na Witter, na rua do Ouro—Lisboa.

## NINHO E OVOS

POR

EDUARDO SEQUEIRA

Com 28 gravuras e 16 planchas coloridas, representando 86 variedades de ovos.—1 vol. br., 13000 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á Livraria Cruz Coutinho, editora, rua dos Caldeireiros, 48 e 20, Porto.

## REGULAMENTO

Para o lançamento e cobrança da contribuição da

## DECIMA DE JUROS

Approvado por decreto de 8 de setembro de 1887 e precedido da carta de lei de 18 de agosto do mesmo anno, com os respectivos modelos e uma tabella do sello.

## PREÇO, 60 RÉIS

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á Livraria CRUZ GOUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 48 e 20—Porto.

## A FATEIXA

Publicação mensal sobre coisas... portuguezas.—Um volume de 80 paginas, collaborado por escriptores distinctos.—Preço, 200 réis.

Deposito, na livraria de Barros & Filha, rua do Almada, 104 a 114, Porto.

## Annuncios

# CASA

VENDE-SE uma nova, alta, com quintal e poço, e construida de pedra, que faz frente para a rua da Sé e frente para a rua da Cadeia, tendo sahida para a rua do Roxo.

Quem a pretender falle na mesma com seu dono Francisco Augusto Duarte.

## CONTRA A DEBILIDADE

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANGO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. É um tónico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescente de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Achase a venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 240 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia a drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

# GRANDE BAIXA DE PREÇOS

POR 500 REIS SEMANAES

COM GRANDES DESCONTOS A PROMPTO PAGAMENTO

ADQUIREM-SE AS

MACHINAS PARA COSER

SINGER

com custo gratis e illimitado em casa do comprador

CONCERTOS GRATIS

GARANTIA ILLIMITADA

BORDADOS ALTO RELIEVO FEITOS COM LA

EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO TEM SUCCURSAES

A COMPANHIA FABRIL SINGER

# SINGER

A COMPANHIA FABRIL SINGER

ACABA DE FAZER UMA GRANDE BAIXA DE PREÇOS

NAS SUAS TÃO AGREDITADAS E SEM RIVAL

MACHINAS PARA COSER

Novo estojo gratis para fazer trabalhos de phantasia

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS SEM RIVAL AL MACHINAS

SINGER

ACHAM-SE À VENDA EM AVEIRO

75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79

A VEIRO

## Contra a tosse

**X**AROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvedo nos hospitaes. Acha-se à venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

## GENEBRA MOREIRA

**C**HAMA-SE a attenção dos srs. consumidores para estas qualidades de genebra.

É a mais barata, mais aromatica e estomacal até hoje conhecida.

Continúa a ter acolhimento geral em todo o paiz; tendo sido premiada nas duas ultimas exposições portuguezas de 1884 e 1887.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registrada) de MOREIRA & C.<sup>a</sup> e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

## JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

A VEIRO

**F**ORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

## Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo governo e approvedo pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças onde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «luncho» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toasta», para facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envoltucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se à venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.



## AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

PARA, MARANHÃO, CEARÁ E MANAUS

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

Passagens de 3.<sup>a</sup> classe a 265000 réis

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 49 a 23, com o correspondente

Manuel José Soares dos Reis.

**ATTENÇÃO.** — O annunciante encarrega-se da liquidação de heranças e quaesquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica commissão.



Na rua dos Mercadores, n.º 49 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços baratissimos.

## HOTEL CENTRAL

DE

MANUEL FRANCISCO LEITÃO

RUA DE JOSÉ ESTEVAO — AVEIRO

ESTE Hotel, recentemente montado, acha-se nas condições de satisfazer a todas as exigencias.

## REMEDIOS DE AYER

### Peltoral de cereja de Ayer

— O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

**Extracto composto de sal-saparrilha de Ayer**—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

**O remedio de Ayer contra as sezões**—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

**Pilulas catharticas de Ayer**—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



**VIGOR DO CABELLO DE AYER** — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

## Acido Phosphato de Horsford's



É um agradável e saudavel **REFRESCO**. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. É baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes JAMES CASSELS & C.<sup>a</sup>, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.<sup>a</sup>, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

**Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES**, para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de no-das de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço 240 reis.

## LOTERIAS

**ANTONIO IGNACIO DA FONSECA**, com casa de cambio na rua do Arsenal, 56 a 64, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S. Bento, 33 a 35, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. **É negocio em que ha tudo a ganhar e nada a perder!**

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis **8:000.000**.

Bilhetes a 45800 réis; meios bilhetes a 23400; quartos a 11200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, têm de tirar uma licença que nas provincias é de 18500 réis por um anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no Diario do Governo de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao CAMBISTA

**ANTONIO IGNACIO DA FONSECA**

56 — RUA DO ARSENAL — 64

LISBOA